

São de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, seu coestadano as seguintes expressões sobre a personalidade do extinto. Essas expressões de um seu contemporâneo valem como oportuno testemunho:

"Autodidata, porém, e sempre atazanado por exigências orçamentárias, não lhe sobrava ensêjo de disciplinar o espírito em firme doutrina e método, que lhe sistematizasse as investigações incessantes.

Ainda assim, deve ser considerável o resultado dos estudos, a que submeteu os moradores entregues ao seu governo.

Diligenciou primeiramente compreender-lhe o idioma, que chegou de falar correntemente. E na linguagem própria, ser-lhe-ia mais fácil entender-lhes as lendas e tradições, as credências, as idéias e sentimentos.

Não obstante conhecido o vocabulário que lhes é familiar, através das obras do Pe. COBALCHINI e do professor BASÍLIO DE MAGALHÃES, que teve ao seu dispor alguns representantes genuínos daquela tribo, BARBOSA DE FARIA também elaborou o que ouvia diariamente dos seus "amigos da colônia".

Como tais os tratava, e quando necessário, lhes curava as moléstias, valendo-se do que aprendera na Faculdade de Medicina.

Destarte, não lhe fôra difícil grangear a confiança e estima daqueles índios, que sabem mostrar-se amigos dos seus benfeitores.

Não lhe permitiram, porém, as conveniências da "Comissão" que permanecesse por maior temporada às margens do São Lourenço. Outras tabas também mereciam o estudo de quem se mostrava capaz de enveredar pela linguística indígena, em busca de desvendar-lhe os mistérios.

Assim foi que se aproximou dos Parecís, com quem falaria no próprio linguajar, para lhes indagar a história transmitida oralmente, dos Nhambiquaras, logo após a pacificação dos Guaicurús, mais influenciados pela civilização, e de tantas tribus, com as quais conviveu mais ou menos longamente.

Era, afinal, BARBOSA DE FARIA o etnógrafo andante, que ia, de continuo, avolumando os vocabulários, e alguma vez a gramática da linguagem indígena.

Nos arquivos da Comissão, para cuja nomeada trabalhava abnegadamente, conservam-se inéditos 17 vocabulários, colhidos em diversas tribus, além de duas monografias de maiores proporções, *Esbôço gramatical da língua Bororo (Boenadaro)* e *Estudos Parecís (Esbôço gramatical — Vocabulário — Lendas — Cantigas e poemas)*, de que dá notícia o General RONDON, pela REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, e a memória sobre os habitantes do vale do Trombetas, levada ao IX Congresso de Geografia, reunido em Florianópolis, em Setembro último.

Volumosa, pois, a obra inédita de BARBOSA DE FARIA, no tocante à etnografia, que estudou na própria fonte, ninguém poderá depreciar-lhe a qualidade, antes que venha a lume".

J. BARBOSA DE FARIA era natural de Cuiabá, onde nasceu a 20 de Fevereiro de 1878. Foram seus pais CARLOS BARBOSA DE FARIA e D. TERESA DE FARIA.

Além dos trabalhos antes citados o extinto deixou *Limites Orientais de Mato Grosso* divulgado em um dos números da *Revista do Instituto Histórico* da sua terra natal.

GENÉSIO PIMENTEL BARBOSA ÚLTIMA VÍTIMA DOS ÍNDIOS CHAVANTES

Na região do rio das Mortes, no Estado de Goiaz, onde se encontrava dirigindo uma expedição do Serviço de Protecção aos Índios, faleceu no mês de Outubro dêste ano, em circunstâncias dramáticas, o Sr. GENÉSIO PIMENTEL BARBOSA, dedicado colaborador da obra de catequese dos nossos selvícolas.

Era o extinto membro de tradicional família do Estado de Minas Gerais, onde nasceu, no município de Paracatú, em 1883.

Segundo notas fornecidas pelo Capitão ANTÔNIO MARTINS VIANA ESTIGAR-

RÍBIA, chefe de uma das secções do S.P.f., podemos dar aos nossos leitores informações sobre a personalidade do esforçado sertanista, bem como detalhes sobre o lamentável acontecimento que o vitimou.

GENÉSIO PIMENTEL BARBOSA ingressou naquele Serviço em 1911, como auxiliar de uma comissão que foi naquele ano fundar no Piauí um centro agrícola para localização de trabalhadores nacionais.

Em 1921 foi designado para ajudante dos trabalhos da Inspetoria

do Serviço de Proteção aos Índios no Estado de Mato Grosso, onde trabalhou até 1928. Teve ali ocasião de executar com inteira satisfação dos seus chefes, entre outros trabalhos, a medição e demarcação de diversas glebas de terras pertencentes a tribus Caiuás, e estudos da estrada de rodagem da estação de Guaicurús dos campos dos Índios Cadiueus, através da serra da Bodoquena. Auxiliou também os trabalhos de exploração da rodovia de Campo Grande a Ponta Porã e os respectivos trabalhos de construção.

Depois veio para o Rio, em trabalhos técnicos de escritório, na sede do Serviço de Proteção aos Índios. Em consequência da revolução de 1930, foi dispensado. Mais tarde foi readmitido a trabalhar no Ministério da Guerra, onde esteve até 1940. Reorganizado nesse ano o Serviço de Proteção aos Índios, êle, que como todos os que se integraram no espírito desse Serviço e não vêem no mesmo um simples ganha pão, mas devotada missão nacional e humana a executar, solicitou a sua volta. Essa solicitação foi recebida com o maior agrado pelo General RONDON e Coronel VICENTE VASCONCELOS dirigentes dos trabalhos de proteção aos índios no Brasil.

Como surgissem dificuldades administrativas à efetuação da transferência, PIMENTEL, sequioso de retornar a sua atividade característica no sertão, exonerou-se do lugar efetivo que ocupava no Ministério da Guerra, para poder ser admitido no Serviço de Proteção aos Índios, perdendo tempo de serviço e as garantias do funcionalismo público. Essa resolução êle tomou espontaneamente, apesar dos conselhos em contrário dos seus amigos. No Serviço de Proteção aos Índios todos desejavam o seu regresso, mas não mediante semelhante sacrifício, pois a função que aí vinha exercer era, pela organização transitória do mesmo Serviço, acidental e sem as garantias do funcionalismo público, que perderia se desistisse da sua colocação no Ministério da Guerra. Sem falar nos riscos e perigos que os serventários do S.P.Í. correm diariamente no sertão. ●

GENÉSIO PIMENTEL, com a sua costumeira decisão, desistiu de tudo, organizou a sua turma e vencendo mil obstáculos, internou-se nas selvas do rio das Mortes, setor do S.P.Í. que lhe fora designado. A sua correspondência com a Diretoria nesta capital, denota a sua grande preocupação por todos os problemas a resolver no sertão, a seu cargo, sugerindo as melhores providências

para a solução adequada. A propósito dessa correspondência deve-se assinalar que além de sertanista de mérito, PIMENTEL, era ótimo escritor.

Poucos dias antes do seu sacrificio, do próprio acampamento em que foi morto, mandou êle o seu último comunicado, cheio de entusiasmo e esperanças. Executava então com imensa precaução e cuidados o reconhecimento da posição dos aldeamentos dos Chavantes para baseiar o seu plano de atração, pelos métodos do S.P.Í..

Para ajudá-lo em tais reconhecimentos valia-se da subtileza e habilidade de três índios Cherentes que, como se sabe, pertencem ao mesmo tronco dos Chavantes e falam a mesma língua, o que aliás foi confirmado em um desses reconhecimentos.

O maior cuidado e preocupação de PIMENTEL era que os seus trabalhos se fizessem sem o sacrificio de nenhum Chavante.

Quem quer que vá espontaneamente ao encontro do índio, que o não chamou e está tranquilo em sua terra, para atraí-lo a uma amizade em que o dito índio tem motivos para não acreditar, deve conter com a repulsa do selvícola; e seria injusto e monstruoso que por essa justa e esperada repulsa se matasse o pobre selvícola.

Ê desse raciocínio lógico e humano que decorre a divisa do S.P.Í. — "Morrer se necessário for, matar nunca".

Aos seus subordinados fazia PIMENTEL preleções diárias sobre seus deveres e atitudes em face dos índios e com essa preocupação absorvente, chegou mesmo a trancar tôdas as armas de fôgo, guardando consigo as chaves.

Os índios Cherentes em um dos reconhecimentos aproximaram-se tanto de uma aldeia Chavante que perceberam palavras e verificaram que eram de sua própria língua. Animados falaram aos Chavantes, convidando-os a vir ao Acampamento de PIMENTEL receber brindes e estabelecer contacto amistoso. Os Chavantes assim convidados nada responderam, mas não atacaram os visitantes. Sabedor dessa ocorrência, com que aliás não contava assim tão rapidamente e que de alguma sorte precipitava os trabalhos, e os métodos usuais da atração de índios, sempre demorada, GENÉSIO, preparou-se para receber a visita dos índios, caso atendessem ao convite dos Cherentes, não ignorando certamente o perigo a

que se expunha. Sabe-se que êle foi encontrado morto, na picada, próxima ao seu acampamento, desarmado e com as duas mãos cheias de brindes. Presume-se logicamente que, tendo visto índios na picada, cautelosos em se aproximar, temendo ser recebidos a tiros, PIMENTEL, acompanhado dos seus três companhei-

ros de sacrifício, marchou ao encontro deles carregado de brindes e sem armas. Foram recebidos a "bordunas", porque os Chavantes estavam sequiosos de vingança contra os "Branços" pelos muitos morticínios covardes que contra êles, Chavantes, vão ali praticar, dois dos quais muito recentes.

PROFESSOR GIOVANNI DE AGOSTINI

Informação telegráfica procedente de Milão, Itália, e publicada na imprensa desta capital do dia 25 de Novembro, e datada de 24 dêsse mês trouxe-nos a infausta notícia do falecimento naquela cidade do distinguido geógrafo e cartógrafo italiano professor GIOVANNI DE AGOSTINI.

O ilustre profissional que ao falecer contava a idade de 78 anos, além das suas eficientes atividades técnicas exerceu a cátedra por longo espaço de tempo, tendo sido ainda fundador e instalador da importante organização técnica especializada conhecida em todo mundo pelo nome de "Instituto Geográfico De Agostini".

A infausta notícia do desaparecimento do grande geógrafo e cartógrafo italiano repercutiu mundialmente, dado o seu merecido conceito profissional. Na sua pátria era êle apontado como figura marcante no âmbito em que se especializou, tendo para isso concorrido a sua impressionante fôlha de bons serviços. Fora dela não era também menor a sua projeção, em face da natureza dos trabalhos que executou e dirigiu, muitos dos quais possuem caráter internacional.

A 26 de Fevereiro de 1915 era o professor DE AGOSTINI eleito membro de honra da Real Sociedade Geográfica Italiana, homenagem essa tributada em reconhecimento ao seu valor técnico e profissional como poderá ser inferido dos termos da apreciação da proposta então apresentada pelo engenheiro NOVARESSE: "Desde cêrca de 20 anos, com firme fé e indomável perseverança, sem esmorecer diante de dificuldades sempre crescentes, um homem tomou a si um dos mais árduos empreendimentos e garantindo-se o auxílio e a cooperação de preciosos elementos que o tempo tinha vindo preparando, conseguiu produzir a maior série, até agora publicada na Itália, de mapas geográficos originais, quer para uso comum quer didático, nos quais os motivos científicos e os artísticos nunca são sacrificados a exigên-

cias de outra ordem, com o resultado feliz de incentivar no público o interesse pelas disciplinas geográficas e ao mesmo tempo grangear suas simpatias.

Para comprovar quanto seja apreciada a notável contribuição que êle trouxe ao incremento da cultura nacional, lutando com rara constância contra inúmeros obstáculos, a Real Sociedade de Geografia o inscreve entre os seus Membros de Honra".

Durante a sua vida laboriosa o professor GIOVANNI DE AGOSTINI executou cêrca de 150 valiosas contribuições entre publicações e mapas, sendo alguns dêsses feitos com a colaboração de outros cartógrafos eminentes. Dentre êsses trabalhos destacam-se os populares atlas de bôlso (*Calendário Atlante Tascabile De Agostini*) que, desde 1902, não deixaram de aparecer anualmente e que tiveram grande difusão.

Outro trabalho que êle legou aos estudiosos da geografia foi o chamado Atlas Metódico no qual usou sistematicamente o Mapa Físico na representação geográfica.

Entretanto, a obra de maior relêvo do ilustre técnico foi a que êle idealizou e dirigiu no Instituto que tem o seu nome — o Mapa da Itália na escala de 1:250.000, publicado de colaboração com o Touring Club Italiano; trabalho que se desdobra em 59 fôlhas acompanhado de completa lista de nomes geográficos.

Na *Revista do Touring Club Italiano*, de Fevereiro de 1906, encontramos outro depoimento firmado pelo Sr. LUIGI VITTORIO BERTARELLI no qual o grande cartógrafo era assim qualificado: "uma força pessoal que no seu Instituto fez transfusão da própria competência e, com firme querer e constância, soube dar ao País obras científicas de grande valor", — referindo-se ao Instituto Geográfico, acrescentava: "em poucos anos, sem apoio do Governo ou de pessoas, tão somente com a fé e a competência de seu fundador e diretor, soube conquistar na Itália e no mundo uma posição verdadeiramente digna de destaque".